

«Um valioso retrato da solidariedade entre mulheres
em tempos de sofrimento, amor e dificuldades.»

PUBLISHERS WEEKLY

Com Amizade

A stylized illustration of a blue typewriter with a white sheet of paper emerging from the carriage. The typewriter has a grid of keys and a circular dial on the left side. The paper has some faint, illegible lines of text on it.

A J PEARCE

AUTORA DE QUERIDA SRA. BIRD

TOP
SEL
LER

*Para as minhas amigas.
A verdadeira inspiração para a Emmy e a Bunty.*

PARABÉNS

Carta à revista *Mulher*, 12 de setembro de 1942

Permitam-me que dê os parabéns a todas as mulheres casadas que estão não só a contribuir para o esforço de guerra, como também a tratar das suas próprias casas.

Atualmente, a minha mulher e o meu filho não estão em casa, e todas as noites, quando regresso do trabalho, tenho de lavar, cozinhar, esfregar, varrer e fazer todos os outros afazeres domésticos que normalmente são da esfera de ação da minha mulher. No meu esplêndido isolamento, maravilho-me com o espírito daquelas mulheres espantosas que conseguem completar todas as tarefas domésticas semana após semana, mais o contributo que dão para o esforço de guerra, mantendo uma aparência fresca e alegre.

Na verdade, nunca tanto foi feito por tanta gente e com tão pouco apreço.

J. L. (Sydenham)

Londres, finais de maio de 1941

Quando o Sr. Collins deu início à reunião editorial da *Amiga da Mulher*, quem estivesse a ver de fora poderia achar que era uma manhã de segunda-feira perfeitamente normal. A Kathleen tinha distribuído a ordem de trabalhos, cada membro da equipa dispunha de uma pasta cheia que continha as suas notas e, como habitualmente, a Sra. Bussell levava o chá para o quinto andar, apesar de as escadas fazerem muito mal à sua perna imprevisível.

— Posso perguntar porque é que estão todos a olhar espedrados? — perguntou o Sr. Collins. Baixou o olhar para o seu colete. — Tenho alguma coisa na gravata? Não vejo um ovo estrelado há várias semanas.

Toda a equipa da *Amiga da Mulher* explodiu em aplausos.

— Parabéns! — dissemos eu e a Kathleen em coro.

— Hurra! — gritou o Sr. Newton, como se Hitler tivesse tido um grande azar.

O Sr. Collins continuou a parecer desnordeado.

— Sim...? — disse ele, como se estivesse a tentar manter uma ligação telefónica decepcionante.

A Sra. Mahoney deu-lhe uma afetuosa palmadinha no braço.

— Muito bem — elogiou ela. — Ficámos todos muito contentes.

— Ótima notícia — comentou o Sr. Brand com a sua voz baixa.

O Sr. Collins parecia continuar sem perceber o que se estava a passar.

— É por se ter tornado o nosso novo editor — lembrei.

— Ah, isso — disse ele, parecendo envergonhado. — Bem, sim. Obrigado a todos. Foi uma grande surpresa. Não estava nada à espera.

— Agora está só a ser tonto — disse a Sra. Mahoney. — Com todo o respeito — acrescentou ela rapidamente, lembrando-se do novo *papel muito sénior* do Sr. Collins.

— Ora essa — respondeu ele, com bastante alegria. — Nada vai mudar. A Sra. Bird quase nunca cá estava no escritório, por isso, provavelmente, não vão notar grande diferença. Quero dizer, na verdade, espero que reparem em algumas. — Fez uma pausa e lançou-me *um olhar*. Afinal, era apenas o terceiro dia do meu período de liberdade condicional. — Até agora, tudo bem — sorriu ele. — Há muito tempo para as coisas correrem mal, claro. Não se preocupe, Sr. Newton, estava só a brincar.

O Sr. Newton, o nosso diretor de publicidade, tinha empalidecido. Ele era muito bom no que fazia, mas tinha tendência a olhar para o lado desastroso da vida.

Senti-me corar. Os meus primeiros seis meses no mundo das revistas não tinham corrido inteiramente de acordo com os meus planos devido ao que a minha mãe apelidara *alguns percalços infelizes que não podiam ser evitados*. Foi muito simpático da parte dela pôr as coisas nesses termos, porém não era inteiramente verdade, como o meu pai tinha observado na altura.

«Não quero ser indelicado, Elizabeth», dissera-lhe ele. «Mas acho que a Sra. Bird é capaz de ser da opinião de que o *percalço infeliz* pode ter sido a própria Emmy.»

Ele tinha uma certa razão.

A Sra. Henrietta Bird tinha sido a responsável pela coluna de conselhos e editora interina da *Amiga da Mulher* durante mais tempo e, sendo a sua nova assistente júnior, parte do meu trabalho consistia em abrir as cartas dos leitores para que ela pudesse responder aos seus problemas. Parecia algo bastante simples, mas tive muitas dificuldades em aceitar a abordagem da Sra. Bird à forma como distribuía os conselhos, que era ligeiramente ao estilo de Átila, o *Huno*. Pouco lhe importava que, desde o início da guerra, muitas das nossas leitoras tivessem passado pelos piores momentos das suas vidas: a simpatia raramente era a sua primeira opção.

Era justo dizer que eu e a Sra. Bird não nos tínhamos entendido lá muito bem.

O Sr. Collins, pelo contrário, tinha sido uma pessoa extremamente decente, e eu estava mesmo muito satisfeita por agora estar ele à frente da revista.

— Muito obrigado pelas vossas palavras tão amáveis — agradeceu ele. — Embora eu prometa dar o meu melhor para tentar desempenhar bem o cargo de editor, receio que tenhamos um pequeno problema agora que a Sra. Bird nos deixou para trabalhar na *Gado e Animais de Companhia*.

O ambiente de celebração desapareceu num ápice. A ameaça de uma página em branco era impensável. Mas o Sr. Collins estava tranquilizadamente calmo.

— É claro — continuou ele — que precisamos de uma nova «A Henrietta Ajuda». Compreendo a urgência da questão, mas talvez devêssemos aproveitar a oportunidade para tentar encontrar alguém que não aterrorize ativamente as leitoras.

Todos acenaram com a cabeça.

— Absolutamente — disse eu.

— Muito bem — acrescentou a Kathleen.

— Estamos em guerra — aproveitou o Sr. Newton para dizer num tom sério, como se alguns de nós ainda não se tivessem apercebido.

— Estive a ver se seria possível tentar aliciar alguém de uma das outras revistas — disse o Sr. Collins. — Mas, francamente, não temos orçamento, portanto gostava de saber quem é que vocês acham que seria a pessoa ideal para fazer este trabalho. Talvez alguma das nossas atuais colaboradoras? A enfermeira McClay, por exemplo.

A enfermeira McClay era a responsável pelo «Clube da Mãe e do Bebê» da *Amiga da Mulher* e tinha uma abordagem semelhante à da Sra. Bird, só que com uma seringa.

— Ela anda tremendamente ocupada com os seus conselhos para bebés — argumentou a Kathleen.

— E ela assusta as mães de morte — acrescentou a Sra. Mahoney, de forma menos diplomática.

A Kath anuiu com a cabeça.

— Isso é verdade — disse ela. — A enfermeira McClay disse-me certa vez que, aos 5 anos, as pessoas ou são bastante sensatas ou são idiotas chapadas. Se não conseguirmos endireitar as crianças até essa idade, não há mais nada que se possa fazer por elas, por isso, mais vale deixá-las à beira da estrada.

— Credo! — exclamou o Sr. Collins. — Talvez a *Gado e Animais de Companhia* precise de uma enfermeira.

— A Sra. Croft é muito simpática — disse o Sr. Brand acerca da nossa editora de culinária. — Embora a secção «O Que Está no Tacho?» lhe ocupe muito tempo.

— E o marido dela não anda lá muito bem — comentou a Kath. — Por isso, a vida dela já não anda nada fácil.

— Bem, seguramente não queremos torná-la ainda mais difícil — comentou o Sr. Collins. Para alguém que sempre disse que entendia muito melhor os livros do que as pessoas, tinha secretamente um coração muito bom.

— Tenho a certeza de que conseguiremos encontrar uma senhora para dar conselhos — disse a Sra. Mahoney, que era responsável pela Produção e conhecida pela sua atitude pragmática. — Não é difícil se soubermos o que estamos a fazer. Algumas orientações e uma boa dose de empatia, e a maioria das pessoas vai ficar mais animada. — Ela olhou em redor da mesa. — Até podia ser o senhor a fazer isso, Sr. Collins, se não fosse um homem.

— Ah — disse o Sr. Collins, sem se deixar desmoralizar. — Peço muita desculpa, Sra. Mahoney. É uma falha que todos temos de tentar suportar.

A Sra. Mahoney olhou para ele com compreensão.

— A culpa não é sua — disse ela com generosidade, como se houvesse a possibilidade de poder ser. — As mulheres são melhores quando toca a ser útil, é só isso. Olhe para o Hitler. Não é útil para ninguém a não ser para si mesmo. Gostava de vê-lo a criar quatro filhas sozinho e certificar-se de que todas se casam com tipos em condições e são muito felizes. Isso calava-o num instante.

O Sr. Collins fez uma pausa, bateu com a ponta da caneta nos dentes e depois sorriu-lhe. Inicialmente, pensei que era porque a Sra. Mahoney

tinha arranjado um plano para deter o ditador mais detestável do mundo, quando, até agora, nenhum líder europeu o conseguira fazer, mas, afinal, era porque ela acabara de lhe dar uma ideia.

— Como sempre, Sra. Mahoney, tem toda a razão. Na verdade, não sei como é que não pensei logo nisso. A resposta está mesmo à frente dos nossos olhos.

A Sra. Mahoney franziu o sobrolho.

— Aí está a senhora, com quatro filhas, todas excelentes jovens mulheres, todas felizes com as suas vidas, porque tiveram o melhor apoio possível enquanto cresciam. Haverá melhores qualificações? Os seus conselhos seriam melhores do que os de qualquer outra pessoa. Que tal? Até já consigo ver: «A Sra. Mahoney Ajuda».

A Sra. Mahoney pareceu ficar horrorizada.

— Mas eu sou da Produção — disse ela. — Eu não escrevo. Eu organizo. Gosto de organizar. Não gosto de escrever.

O rosto do Sr. Collins ficou abatido.

— Nem sequer para dar uma mãozinha? — perguntou ele, com um semblante triste.

Embora a Sra. Mahoney adorasse o chão que o Sr. Collins pisava, ela não era parva nenhuma. Sendo uma mulher experiente e altamente respeitada com os seus 50 anos, era esperta que nem uma raposa velha e reconhecia uma armadilha quando estava à sua frente.

— Nem mesmo se abrisse os olhos até ficarem com o tamanho de um prato de sopa e me desse graxa como a um sapato de baile — disse ela, como se ele não fosse o seu chefe, mas um genro ligeiramente atrevido a atirar o barro à parede.

— Tenho uma ideia — disse a Kathleen.

— Ora aí está — disse a Sra. Mahoney, antes que a Kath conseguisse expor a sua ideia.

— E que tal a Emmy? — sugeriu a Kath. — E se fosse ela a escrever? Pela Sra. Mahoney, quero eu dizer — acrescentou rapidamente, quando todos a fitaram como se estivesse louca. Afinal, a Sra. Bird decidira ir-se embora por minha culpa. Na opinião dela, tendo em conta os *percalços infelizes*, eu deveria ter sido despedida.

Contudo, a Kath era uma pessoa tremendamente equilibrada e eu percebi que estavam a dar-lhe o benefício da dúvida.

— A Emmy podia abrir as cartas como sempre fez para a Sra. Bird, depois pediria os conselhos à Sra. Mahoney sobre cada uma delas e escrevê-las-ia — continuou, voltando-se para a chefe de Produção, com os olhos ainda mais esbugalhados do que os do Sr. Collins. — Sinceramente, Sra. Mahoney, não teria de escrever nada. Basta dizer à Emmy o que aconselharia e depois verificar o que ela escreveu para ter a certeza de que era isso que queria dizer. Seria fantástico. Escrito com simpatia e alegria, tal como se recebêssemos uma carta de alguém em quem confiamos. Uma verdadeira mudança em relação ao que tínhamos antes. Podíamos chamar-lhe «A vossa Sra. Mahoney».

A minha amiga tinha feito com que parecesse maravilhosamente simples. Ficámos todos à espera de que a Sra. Mahoney meditasse sobre a questão e a Kath estampou no rosto a expressão mais esperançosa que se possa imaginar. Recusá-la seria como bater num gatinho. A Sra. Mahoney não era do tipo de pessoa capaz de bater em gatinhos.

— Bem... — acedeu ela — se virmos as coisas dessa forma. Mas eu não gostaria de ter o meu nome nem a minha fotografia na coluna. Isso não me agradaria de todo.

Quase todas as revistas tinham uma fotografia da sua colunista de conselhos.

O Sr. Collins entrou rapidamente na discussão.

— É claro que não. Se não quiser, não se põe. Podemos desenhar uma silhueta. — A Sra. Mahoney pareceu hesitante e levou a mão ao rosto. — E podemos dar-lhe outro nome — prosseguiu ele. — Chamamos-lhe o que quiser. Podemos fazer um período de experiência e, se não gostar, encontramos outra pessoa.

O Sr. Collins encolheu os ombros algo desinteressadamente para mostrar que não era nada por aí além, o que quase me fez rir. Percebia-se que estava ansioso como tudo para que ela aceitasse o trabalho.

Não ousei dizer uma palavra. Adorei a ideia da Kath.

A Sra. Mahoney era exatamente o tipo de pessoa a quem podíamos recorrer em caso de problemas. E eu queria desesperadamente voltar a fazer parte da página dos problemas.

Fiz figas debaixo da mesa. Já lera mais do que suficientes cartas das leitoras para saber que precisavam tanto de ajuda. Embora os bombardeamentos tivessem abrandado nos últimos tempos e as nossas leitoras não tivessem de passar tanto tempo dentro de abrigos antiaéreos, a vida estava longe de ser um mar de rosas. Na verdade, para a maioria das pessoas, continuava a ser mesmo muito difícil. Se a Sra. Mahoney respondesse às cartas dos leitores, a *Amiga da Mulher* poderia realmente fazer jus ao seu nome.

A Sra. Mahoney inspirou fundo.

— Bem — disse ela devagar —, se acham mesmo que vai ajudar.

— Enormemente — disse o Sr. Collins, assumindo que aquelas palavras significavam um *firmé sim*. — Enormemente. Muito obrigado, Sra. Mahoney. Salvou-me o dia e acho que o dos restantes também. Incluindo, se não estou enganado, o da própria Emmy, certo? — Olhou para mim com uma expressão jocosa. — Agrada-lhe a ideia de trabalhar com a Sra. Mahoney nesta coluna? — perguntou ele. — Tudo às claras.

Proferiu estas palavras sem lhes dar muita importância, mas eu estava bem ciente de que era uma oportunidade para provar o meu valor, para mostrar que, depois do meu início mais do que vacilante na *Amiga da Mulher*, eu conseguiria realmente mostrar serviço. Estragara tudo com a história da coluna «A Henrietta Ajuda», mas agora tinha uma hipótese real de me redimir.

— Sim, por favor — disse eu, virando-me depois para a Sra. Mahoney. — Se a senhora não se importar...

A Sra. Mahoney esboçou um sorriso encorajador, mas ergueu um dedo de aviso.

— Nada de parvoíces — disse ela. — Ou de inventar respostas por conta própria. Vamos trabalhar juntas como uma equipa. — Virou-se para o Sr. Collins. — A Emmy já tem muito que fazer sem mais esta incumbência. Se necessário, ela pode trabalhar mais horas?

Foi uma pergunta atenciosa. Eu entrara para a revista como júnior a tempo parcial, encaixando o trabalho no serviço de voluntariado que prestava como telefonista dos bombeiros, onde trabalhava por turnos. Sempre tinha trabalhado mais do que o meu horário oficial na *Amiga da Mulher*,

pois éramos uma equipa pequena e todos tinham de trabalhar em conjunto. Não me importava nada. Queria aprender.

No entanto, escrever os conselhos da Sra. Mahoney, em vez de apenas abrir as cartas como fazia para a Sra. Bird, iria definitivamente ocupar mais do meu tempo.

Olhámos as duas para o Sr. Collins.

— Muito bem pensado — disse ele. — Pode dispensar-nos mais tempo, Emmy? Não quero que o comandante dos bombeiros nos acuse de atrapalhar o trabalho que faz para ele.

— Tenho a certeza de que o comandante Davies não se vai importar — repliquei, rapidamente.

— Excelente — disse o Sr. Collins. — Sra. Mahoney, está de acordo com tudo o que foi falado?

A Sra. Mahoney comprimiu os lábios e pensou na questão.

— Sim, Sr. Collins — retorquiu. — Estou. Mas não pode atrapalhar o meu trabalho de produção. O que lhe parece, Sr. Brand?

O nosso diretor artístico, o Sr. Brand, trabalhava de perto com a Sra. Mahoney. Sempre mais à vontade com imagens do que com palavras, durante toda a reunião tinha estado tranquilo a fazer esboços, como de costume, ligeiramente absorto no seu próprio mundo.

— Eu sou a favor, Sra. Mahoney — disse ele, suavemente. Depois, repetiu as palavras da Kath. — «Escrito com simpatia e alegria, tal como se recebêssemos uma carta de alguém em quem confiamos.» Mas não com o seu nome, claro. — Ele olhou para o caderno de esboços e depois ergueu-o para todos o vermos. — É só uma primeira ideia, mas talvez algo assim possa parecer agradável?

Era a mais simples das ilustrações, apenas alguns traços a lápis que mostravam o esboço de uma mulher, claramente a Sra. Mahoney, sentada a uma secretária a ler uma carta. O Sr. Brand tinha acrescentado um título para a página, escrito numa letra bem visível e agradável.

Com Amizade

A Amiga da Mulher está aqui para ajudar

Todos olharam para ele e depois para o Sr. Collins.

— Está perfeito, Sr. Brand — comentou, com um sorriso. — Como sempre, resumiu a ideia lindamente.

O novo editor olhou para a Sra. Mahoney e para mim.

— Um brinde à nossa nova Página de Problemas — declarou ele, antes que a Sra. Mahoney pudesse começar a ter dúvidas. — Estou realmente muito satisfeito. Na verdade, temos de celebrar. Será que alguém pode ir à rua e trazer bolos? — Levando a mão ao bolso, sacou de lá meia coroa.

Nessa altura, todos aplaudimos.

— Excelente trabalho de todos — disse o Sr. Collins, sobrepondo-se ao barulho. — *Com Amizade* será.

Londres, quatro meses depois

Todos Têm de Fazer a Sua Parte

Faltavam dois minutos para as 9 horas numa manhã amena de finais de setembro e o Sr. Collins corria o risco de chegar a horas. Toda a equipa editorial se entreolhou com algum espanto quando ouvimos as portas do escritório da *Amiga da Mulher* abrir de rompante e o nosso editor marchar pelo corredor a assobiar uma animada melodia de *jazz*, o que deixou todos ainda mais surpreendidos.

— Céus! — exclamou a Sra. Mahoney, olhando para o relógio de pulso.

— Que coisa tão estranha — comentou a Kathleen.

— Talvez tenha acontecido algum azar — aventou o Sr. Newton, parecendo simultaneamente pesaroso e extasiado com a sua sugestão dramática.

— Bom dia — cumprimentou o Sr. Collins, entrando com um passo alegre na sala dos jornalistas como se o facto de ele entrar a horas fosse perfeitamente normal e estivesse sempre a acontecer, ou como se já alguma vez tivesse acontecido. — Tudo bem, espero?

Anuímos com a cabeça e conseguimos dizer um «Bom dia» coletivo e «Sim, obrigado», embora com pouca convicção devido ao choque da pontualidade.

— Ainda não são 9 horas — disse eu. — Sr. Collins, o senhor nunca chega antes das 9 horas.

O Sr. Collins riu-se, disse «Calúnias!» e tirou o chapéu e o casaco, antes de se sentar à cabeceira da mesa. Nos últimos quatro meses, desde que

começara a chefiar a redação, o Sr. Collins nunca tinha conseguido juntar-se a nós antes de, pelo menos, já serem 9h15.

— Temos muito para fazer — disse o Sr. Collins, muito satisfeito. — Digam-me cá, hoje temos bolachas *Peek Frean*? A Sra. Bussell esmerou-se.

Ele serviu-se de uma bolacha partida.

— A Sra. Bussell tem um fraquinho por si, Sr. Collins — disse a Sra. Mahoney, sendo ligeiramente desleal para com a senhora que distribuía o chá, até porque a própria Sra. Mahoney (que preferia morrer a admiti-lo) também tinha um fraquinho por ele.

— Muito agradecido — disse o Sr. Collins com a boca cheia, deixando-nos sem saber se se referia à bolacha ou à revelação sobre o fraquinho da Sra. Bussell. — Por onde vamos começar?

A Kathleen entregou-lhe a ordem de trabalhos. Era o mesmo todas as semanas.

— Muito obrigado, menina Knighton. Padrões e Moda, por favor.

A Kathleen parecia ansiosa e começou a pô-lo a par das coisas, como sempre meticulosamente preparada. Sendo, de longe, a pessoa mais inteligente que eu conhecia, embora ela o negasse veementemente, eu e a Kath éramos grandes amigas e eu fiquei emocionada quando o Sr. Collins a promoveu a subeditora-chefe. Agora, ela era responsável por todos os colaboradores que enviavam padrões e artigos, além de supervisionar a Hester, a nossa nova Júnior.

A Hester era uma rapariga de 15 anos, muito querida, de rosto pálido, acabada de sair da escola e propensa a risadas incontroláveis. A Kath andava a ensinar-lhe, com pouco sucesso, que trabalhar numa revista não era o mesmo que entrar numa comédia de Cary Grant; pelo contrário, envolvia tentar manter a calma durante quase todo o tempo.

Consequentemente, a Hester estava a melhorar, mas ainda alternava entre *levar as coisas demasiado a sério* e desatar às gargalhadas por motivos fúteis. Ela estava a esforçar-se e, como a Sra. Mahoney dissera, a Hester não tinha culpa de ter sido abençoada com uns *pulmões exuberantes*.

Com a Hester a tomar notas, a Kath rapidamente listou o que iria aparecer sobre moda nos próximos números. Quase tudo era agora racionado e ela tornara-se uma especialista a fazer os cupões renderem bastante.

— Temos dez maneiras de modernizar um chapéu velho, e um pulôver para homem fácilimo, para o qual quase não é preciso sair de um ponto básico — disse ela, com seriedade nos seus olhos verdes. — Muitas leitoras escreveram a dizer que gostaram do artigo com os casacos de tamanho grande, e a Sra. Stevens criou um padrão maravilhoso para um soutien tricotado com fio não racionado. Sinceramente, Sr. Collins, as pessoas vão ficar maravilhadas com esta ideia.

— Estou a ver — disse o Sr. Collins, que tinha a tendência para ficar um pouco desorientado quando se falava em tricô.

— Sim! — disse a Kath, muito empolgada, julgando que ele partilhava do seu entusiasmo. — Esta ideia vai animar toda a gente.

Fez-se um momento de silêncio.

— Certo — disse o Sr. Collins.

O Sr. Newton, que estava a olhar fixamente para o chá desde que a Kath dissera a palavra «soutien», parecia aflito.

— A enfermeira McClay recebeu muitas cartas a perguntar quantos cupões as pessoas precisam para os soutiens de amamentação — esclareceu a Sra. Mahoney, o que não ajudou. — Só estou a mencionar o assunto para o caso de o Sr. Newton conseguir envolver alguns anunciantes nesta questão.

O Sr. Newton não parecia ter ficado minimamente agradado com a sugestão, mas anuiu debilmente com a cabeça.

A Hester contribuiu com uma gargalhada aleatória.

— Obrigado, Sra. Mahoney — disse o Sr. Collins. — Não é preciso dar mais pormenores, tenho a certeza de que o Sr. Newton está em cima do assunto. Sendo pai de três e tudo...

Para homens que trabalhavam numa revista feminina, eram ambos casos perdidos no que dizia respeito a tudo o que tivesse que ver com aquilo a que chamavam de *aquela tipo de coisa*.

A Sra. Mahoney resfolegou ligeiramente.

— Cá para mim, acho que deviam ser gratuitos. Ser mãe durante uma guerra não é exatamente pera doce. Imaginem como se sentiriam se o vosso bebé tivesse de ser amamentado e vocês estivessem sentados numa estação do metro no meio de um ataque aéreo. — Ela olhou para os homens que estavam na sala como se eles fossem todos responsáveis.

— Obrigado, Sra. Mahoney — disse o Sr. Collins. — Receio não conseguir imaginar, mas lembrar-me-ei disso da próxima vez que mudar de comboio em King's Cross. Muito obrigado por ter trazido a questão. Agora, se já despachámos o assunto do vestuário interior, podemos seguir em frente? As leitoras, por favor, menina Lake?

— Bem — comecei eu —, têm chegado toneladas de cartas à secção «Com Amizade», incluindo muitas a agradecer efusivamente pelos conselhos sobre *uma avó difícil*. Não está a ser fácil conseguirmos acompanhar todos os problemas, mas não faz mal. Embora eu tenha estado a pensar se se seria possível imprimirmos alguns folhetos com conselhos para podermos ajudar as pessoas dessa forma. Seria mais rápido do que escrevermos a toda a gente individualmente.

— Sou toda a favor — apoiou a Sra. Mahoney, solidária. — Os senhores não iriam acreditar nos problemas que as nossas leitoras enfrentam. A Emmy fez uma lista muito completa das perguntas que nos são apresentadas com mais frequência.

Sorri com gratidão e comecei a explicar o meu plano. Apesar da sua relutância inicial em assumir a página dos problemas, a Sra. Mahoney rapidamente começou a considerar toda a base de leitoras da *Amiga da Mulher* como uma família alargada que ela tinha de guiar e auxiliar a superar os desafios da passagem para a idade adulta, de assentar e criar família e de enfrentar a meia-idade — tudo isto com a atual possibilidade de morte ou de perda de um ente querido de um momento para o outro.

Praticamente assim que a «Com Amizade» surgiu, os seus conselhos calmos e muito práticos tinham funcionado. Quanto maior o número de cartas a que respondíamos, maior o número daquelas que recebíamos. Além disso, ela também andava a ensinar-me. Muitas das preocupações sobre as quais as leitoras escreviam acabavam por se repetir uma e outra vez, e eu tinha aprendido com as respostas dela a cada uma dessas cartas. Aos poucos, comecei a tomar cada vez mais conta da página dos problemas, até que agora, centenas de cartas depois, era eu quem escrevia muitos dos conselhos sozinha. A Sra. Mahoney dava a sua aprovação final a tudo e eu continuava a perguntar-lhe sobre as preocupações mais bicudas,

mas depois de trabalharmos juntas em quase 20 números da revista, a «Com Amizade» tornara-se quase inteiramente minha.

— Emmy — dissera ela, ao fim de algumas semanas da nossa colaboração —, podes ser jovem, mas sei que te importas com as leitoras. Não subestimes a importância dessa tua característica. Preocuparmo-nos com melhorar as coisas vale mais do que ouro.

Foi uma das coisas mais simpáticas que alguém já me tinha dito e tocou-me muito. Eu *importava-me* mesmo.

Quando sonhava tornar-me correspondente de guerra, pensava que isso significava que tinha de andar atrás de histórias políticas ou de relatar eventos que transformavam o mundo. Não tinha considerado que havia um trabalho igualmente importante a ser feito na frente doméstica. Talvez não estivesse a rastejar por cima de locais de bombardeamentos ou a disfarçar-me para conseguir um furo chocante, mas, na *Amiga da Mulher*, estava a tentar dar o meu melhor e sabia que estávamos a fazer algo que valia a pena fazer bem.

Antigamente, preferia contar às pessoas que fazia serviço como voluntária nos bombeiros quatro noites por semana e minimizava bastante o facto de trabalhar numa revista. Fazer voluntariado para o Serviço de Bombeiros Auxiliares fazia-me sentir que contribuía mais para a causa. Agora, sentia orgulho do que fazia como trabalho diurno.

— Pronto, isto é o que se passa na coluna «Com Amizade» — terminei, satisfeita porque o Sr. Collins havia dito que, se o papel não escasseasse, os meus folhetos de conselhos pareciam uma boa ideia a explorar.

A conversa continuou, enquanto o Sr. Collins foi lendo os contributos dos outros colaboradores. A Sra. Croft, da coluna «O Que Está no Tacho?», tinha recebido várias cartas na sequência do artigo «Cinco novas maneiras de cozinhar arinca», mas o Sr. Trevin, que fazia os horóscopos, estava tristemente atrasado, pois tinha caído e partido o pulso.

— Seria de esperar que ele tivesse previsto isso — disse o Sr. Collins.

A Hester riu-se e foi recompensada com um pequeno sorriso do nosso editor, que eu sabia que seria o ponto alto de toda a semana dela.

— Devo dizer — continuou ele — que as coisas estão a correr muito bem, tirando, claro está, o facto de termos um grande sarilho quando

a Kathleen se for embora. Confesso que nem sequer consegui pensar em recrutar alguém para a substituir.

— Parece-me que ainda vou cá ficar muito tempo — acrescentou a Kath, com uma expressão estranha. Há um mês, tinha dado o nome para se alistar no Serviço Territorial Auxiliar. Com 22 anos, solteira, ela tinha toneladas de potencial. Nenhum de nós queria que ela saísse da *Amiga da Mulher*, mas o esforço de guerra precisava mais dela.

— A Kath tem razão — disse eu, confirmando o que ela dissera. — Esta semana, recebemos meia dúzia de cartas de leitoras a queixarem-se de que têm de esperar vários meses antes mesmo de conseguirem uma entrevista de emprego.

— Que tristeza — comentou o Sr. Collins. — Mas é uma boa notícia para nós. Não fique tão horrorizado, Sr. Newton, não estou a ser pouco patriótico, só não quero pensar no assunto até ter mesmo de ser. Todos sabemos que a menina Knighton é insubstituível.

A Kath ficou nitidamente satisfeita e o Sr. Newton disse «Apoiado» de forma bastante arrebatada, para mostrar que concordava. Infelizmente, isto provocou a Hester, que não tinha vontade nenhuma de perder a sua mentora, e deixou sair um alto «Buuu».

— Já chega, Hester — ralhou a Sra. Mahoney, baixinho. — Não está no circo.

A Hester ficou vermelha que nem um tomate.

— Passemos à publicidade, por favor, Sr. Newton — disse o Sr. Collins, para alívio da rapariga.

O Sr. Newton, sempre tão caracteristicamente pessimista, tinha boas notícias para relatar: as receitas estavam em alta e havia vários novos anunciantes, incluindo a Sta-Blond Shampoo, que pagara a taxa total por meia página, e a Hartley's Jams, que mandara publicar uma série de anúncios para informar as pessoas de que as compotas estavam esgotadas.

— Muito bem, Sr. Newton — elogiou o Sr. Collins.

— Provavelmente não vai durar — disse o Sr. Newton, confiante.
— O Instituto Nacional da Pele está atrasado no pagamento da série de anúncios sobre psoríase que publicaram nos Classificados, e eu tive

de dar uma palavra dura ao Senior's Meat and Fish Pastes por causa de um assunto semelhante. Eles vão pagar, não se preocupe.

O Sr. Collins mostrou-se solidário e acrescentou que tinha ouvido por aí rumores sobre algo em grande para o manjar-branco.

— Não diga mais nada, Sr. Collins — disse o Sr. Newton. — Vou já tratar disso. Deixámos passar o creme de leite no Natal no ano passado e não vou deixar que isso aconteça outra vez.

Agora que o Sr. Newton estava embrenhado em tirar notas da sua missão, a Sra. Mahoney explicou a todos em que pé se encontrava a Produção, algo que conseguiu fazer sem qualquer menção a soutiens ou a amamentação e, às 9h45, tínhamos conseguido chegar ao ponto da reunião «qualquer outro assunto».

Como geralmente não havia mais nenhum assunto, a não ser daquela vez em que o Sr. Newton emitiu um sinistro aviso acerca dos perigos de incêndio no escritório (ele era um encarregado da defesa contra ataques aéreos e levava mesmo muito a sério aquilo a que chamou *perigos à espreita*), todos começámos a arrumar as nossas coisas, contando que a reunião estivesse prestes a acabar.

— Aguentem os cavalos, meus caros — disse o Sr. Collins. — Se puder tomar mais um bocadinho do vosso tempo, queria que soubessem que, na sexta-feira, vou a uma reunião no Ministério da Informação.

Nem que se tivesse esforçado teria conseguido soar mais casual. Todos pararam o que estavam a fazer. Houve um par de entusiasmados «vejam só» e o Sr. Newton disse «as paredes têm ouvidos», um pouco desnecessariamente.

— Está tudo bem — descansou-os o Sr. Collins. — Eu não entrei para o Gabinete de Guerra, embora se algum de vós for um quinta-colunista, ficarei muito triste. E, falando agora muito a sério, peço-vos a todos que guardem isto para vós, por favor.

Sentaram-se todos mais direitos. O Sr. Collins no ministério. Ora aí estava algo inesperado.

— É um briefing para revistas. É uma coisa nova e devo acrescentar que todos vós se deviam sentir muito orgulhosos por a *Amiga da Mulher* ter sido convidada. Há seis meses, ninguém teria pensado em nós, mas

graças a um notável esforço de equipa, parece que ganhámos alguma reputação. Foram precisos dois anos de guerra para o ministério falar com todos nós, e isso só aconteceu porque parece que finalmente têm um responsável que percebe de publicações.

O Sr. Collins não era um grande admirador daquilo a que chamava os *cretinos do sistema*.

— De qualquer forma, pode ser interessante. Ou não — acrescentou ele, olhando com seriedade para o Sr. Newton, que tinha adotado a expressão determinada de alguém prestes a ser lançado de paraquedas atrás das linhas inimigas. — Chamam à iniciativa «Dar o Nosso Melhor», portanto... vamos ver. Provavelmente, será apenas uma palestra sobre Hortas pela Vitória, mas nunca se sabe. A propósito de hortas, muito obrigado pelas cebolas, Sr. Brand, ficaram muito bem numa sanduíche.

O Sr. Brand parecia satisfeito.

— Este fim de semana, vou plantar os brócolos na minha parcela — disse ele com a sua voz suave. — E ando a pensar em bolbos.

— Será isso patriótico, Sr. Brand? — perguntou o Sr. Newton, invulgarmente irritado. — Temos de nos concentrar na produção de comida, não em flores, não lhe parece?

— Ah — retorquiu o Sr. Brand, suavemente. — Então e levantar o moral, Sr. Newton? Um vaso de narcisos na primavera que traz um pouco de beleza a um mundo que ameaça não ter nenhuma? A mim, parece-me uma coisa boa, não lhe parece?

O Sr. Newton parecia envergonhado.

— Nós vamos tirar os bolbos do ano passado do abrigo — disse a Kathleen, ansiosa por apoiar o Sr. Brand. — A minha mãe diz que vai plantá-los de modo a formar um «V» de vitória na relva em cima do nosso abrigo, só para irritar qualquer bombardeiro alemão.

— É esse o espírito, Kathleen — incentivou o Sr. Collins. — Porque não fala disso à Sra. Fieldwick para a secção «Notícias do Abrigo de Jardim»? — Ele olhou para o relógio de pulso. — Certo, acho que é tudo. Darei notícias sobre o que se passar no ministério, claro. Emmy, por favor, aponte na sua agenda, imagino que quererá estar preparada.

— Como assim? — perguntei, soando idiota.

— Menina Lake — suspirou ele, melodramático. — A menina também vem. — Ele esboçou um sorriso largo, enquanto eu olhava para ele, boquiaberta. — Não fique tão com esse ar tão surpreendido, não vou passar uma manhã com aquela gente sozinho. Sim, ouviu bem — repetiu ele, enquanto eu sentia o sangue a subir-me todo à cabeça.

— Ouvi? — perguntei, como se compreendê-lo estivesse para lá das minhas capacidades.

O Sr. Collins lançou-me um olhar de sofrimento prolongado.

— Emmy — disse ele, pacientemente, enquanto o meu coração dava pulos. — Aposto que me vou arrepender, mas, sim, a menina vai comigo ao Ministério da Informação.



*Quando surgem as maiores dificuldades,
ficar indiferente não é opção.*

Em setembro de 1941, depois da saída da Sra. Bird da revista *A Amiga da Mulher*, a vida parece estar a melhorar para Emmy Lake, que assume mais responsabilidades na coluna de conselhos. A sua relação com Charles, agora destacado perto de Londres, vai de vento em popa, e Bunty, a sua melhor amiga, começa finalmente a recuperar do sofrimento que lhe foi infligido pela guerra.

Quando o Ministério da Informação reúne as revistas femininas para lhes pedir que apoiem o governo no recrutamento de mulheres para algumas empresas dedicadas ao esforço de guerra, Emmy sente-se entusiasmada pelo novo desafio. Mas ao conhecer uma jovem mulher que lhe mostra as verdadeiras dificuldades das trabalhadoras neste período conturbado, Emmy tem de escolher entre cumprir o seu dever ou lutar por aquilo em que acredita.

**«Ao entrelaçar eventos históricos,
gíria e cultura popular, AJ Pearce evoca
esta época de um modo brilhante.»**

HISTORICAL NOVELS SOCIETY



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Romance Histórico

 penguinlivros.pt
  topseller.editora

ISBN 9789896234270



9 789896 234270 >